

CONTRIBUIÇÕES E LIMITES DO PARADIGMA PRAXIOLÓGICO PARA OS ESTUDOS DA COMUNICAÇÃO PÚBLICA DA CIÊNCIA

Breve análise do canal *Nerdologia*

Contributions and limitations of praxiological paradigm for studies of public
communication of science

Verônica Soares da Costa¹

Resumo:

O presente trabalho busca analisar um projeto de divulgação científica desenvolvido no YouTube, o canal *Nerdologia*, à luz do modelo praxiológico de Louis Quéré (1991). A proposta é identificar as contribuições desse paradigma para a análise das estratégias contemporâneas de comunicação pública da ciência e as possibilidades de diálogo com outras duas perspectivas teóricas: a definição de situação de Erving Goffman (2012) e a interação verbal de Mikhail Bakhtin (2004). Contribuem também para a análise o pensamento complexo de Morin (2011) e as proposições de Boaventura Souza Santos (2012) em busca de novas formas de produção do conhecimento, reconhecendo a construção dos objetos de pesquisa como fator determinante da definição daquilo que chamamos de “ciência”.

Palavras-chave: Divulgação científica; Paradigma praxiológico; Performance; YouTube; Nerdologia.

Abstract:

This paper aims to analyze a scientific communication project on YouTube, the *Nerdologia* channel in the light of Louis Quéré (1991) praxiological model. The study tried to identify the contributions of this paradigm for the analysis of contemporary strategies of public communication of science and technology, and the possible dialogues with two other theoretical perspectives: the definition of situation by Erving Goffman (2012) and the verbal interaction by Mikhail Bakhtin (2004). Edgar Morin (2011) and Boaventura Souza Santos (2012) also contributed to the thought on new forms of knowledge dissemination,

¹ Jornalista, mestre em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC/FGV. Doutoranda em Textualidades Midiáticas pelo PPGCOM/UFMG. Bolsista Capes/Proex. ve.scosta@gmail.com

recognizing the construction of research objects determinant for the definition of what we call “science”.

Keywords: Science popularization; Praxiological paradigm; Situation; YouTube; Nerdologia.

1. A comunicação pública da ciência na contemporaneidade

A comunicação científica foi, por décadas, pensada e desenvolvida a partir de uma lógica de quem “sabe mais” para quem “sabe menos”, no que ficou conhecido como “modelo do déficit”. Muitas vezes chamada de “alfabetização científica”, concebia um cenário em que os pesquisadores e cientistas, do alto de suas Torres de Marfim², “traduziriam” seu conhecimento em linguagem simplificada para que este passasse a ser compreensível às pessoas “comuns” que, fora da Academia, não poderiam participar das decisões e debates sobre os rumos do desenvolvimento científico.

Tais práticas foram largamente analisadas a partir do paradigma informacional da comunicação e seus modelos derivados da psicologia, que supunham um público condicionado, passivo, que responde por reflexos e reações automáticas, como na metáfora da agulha hipodérmica de Laswell (MAIGRET, 2010)³. Ao longo de todo o século XX, o paradigma informacional foi o grande modelo para os estudos de comunicação, até que, nas últimas décadas daquele século, estudos sobre a percepção pública da ciência passaram a defender que era preciso que cientistas se engajassem em uma nova visão da ciência:

O conhecimento atualmente produzido nos laboratórios de universidades e centros de pesquisa, públicos ou privados, estaria vinculado a outros campos

² Com conotação pejorativa, o termo refere-se a um mundo em que intelectuais se debruçam sobre investigações e temas desvinculados das preocupações do dia a dia, em que a autoridade do cientista justificaria a ciência pela ciência, como experiência intelectual, ainda que desconectada da realidade.

³ MAIGRET, *Sociologia da Comunicação e das Mídias*, p. 78.

como a política, a economia e a cultura. Alguns autores (ZIMAN, CASTELFRANCHI, GIBBONS) identificam essa mudança como uma nova fase da ciência, que não substituiria a anterior, mas ampliaria as práticas, o vocabulário e os objetivos. Modo 2.0 e ciência pós-acadêmica são alguns termos utilizados para nomear essa ciência, que seria orientada por uma lógica de aplicação e utilidade (FAGUNDES, 2013, p. 5)⁴.

Arelada a essa nova orientação, surge a necessidade de aproximação dos cientistas com as demandas externas aos laboratórios, universidades e instituições de pesquisa. Iniciam-se movimentos de transparência e prestação de contas relacionados aos resultados dos trabalhos e retorno dos recursos investidos no desenvolvimento da ciência e da tecnologia. O compartilhamento de informações, de modo a tornar acessível o mundo da ciência, passa a mobilizar pesquisadores dispostos a assumir ativamente o protagonismo da comunicação.

Atualmente, é possível ter acesso a inúmeras informações científicas por meio de conteúdos disponíveis na internet sem que, necessariamente, o público tenha que passar pela mediação do jornalismo ou de periódicos acadêmicos. É inegável que pesquisadores tenham encontrado aí a oportunidade para se comunicar diretamente com os mais diversos públicos, seja em sites pessoais, blogs ou perfis em redes sociais digitais. Ocorre nesse cenário uma mudança essencial em relação às dinâmicas tradicionais da comunicação da ciência: o direcionamento para um modelo de divulgação baseado na “auto-representação” dos pesquisadores:

If scientists as communicators become relatively more important than the journalistic mediation of science, it could have implications for the public representation of science. If journalistic selection is replaced by self-selection, the topics presented to the public and who presents them will inevitably change. Which selection criteria will become dominant in a post-journalistic area: individual scientists choosing to engage in public communication,

⁴ FAGUNDES, *Blogs de ciência: comunicação, participação e as rachaduras na Torre de Marfim*, p. 5.

research organizations with the most aggressive public relations department, or those who find resonance with the audience? (PETERS *et al*, 2014)⁵.

Em seus próprios espaços de comunicação, os pesquisadores têm a liberdade de desenvolver tópicos que poderiam nunca ocupar espaços da chamada “mídia tradicional”, por não se encaixarem nos “critérios de noticiabilidade”. Buscam também amalgamar a ciência com outros campos, como o entretenimento, para tratar de assuntos menos populares no meio jornalístico ou até mesmo falar da ciência como processo, uma atividade em constante construção, e não de uma pesquisa com “resultado final”, como é costume nas manchetes que buscam as novidades mais recentes, frequentemente pautadas pelo sensacionalismo.

Uma das mudanças de maior impacto já identificadas nesse movimento é a aproximação entre cientistas e o público considerado “leigo” que compõe sua audiência, já que os canais de comunicação direta se transformam em potenciais ferramentas para o direcionamento sócio-político em relação a descobertas, inovações e demandas de pesquisa. São esses aspectos que, conforme Peters *et al* (2014), podem transformar a interface entre sociedade e ciência, por meio da oferta de novos canais e formatos, mas também através de narrativas científicas que tocam no próprio entendimento do que seria “comunicar a ciência”.

Ao apresentarmos aspectos da comunicação pública da ciência, destacamos certo direcionamento pela superação do modelo do déficit, que pressupõe uma sociedade dividida entre especialistas e leigos, em busca de um modelo dialógico, voltado à participação pública (COSTA *et al*, 2010)⁶. Ao propormos um olhar para o objeto como um espaço de ação comunicativa, buscamos identificar a comunicação também como

⁵ PETERS, *Public communication of science 2.0. Is the communication of Science via the “new media” online a genuine transformation or old wine in new bottles?*

⁶ COSTA *et al*, *Modelos de comunicação pública da ciência: agenda para um debate teórico-prático*.

experiência interativa mediada pela linguagem. No canal em questão, o pesquisador assume papel de mediador das temáticas científicas com o objetivo de criar um mundo em comum, em que a ciência se mistura ao entretenimento a fim de permitir que os especialistas (cientistas) e o público em geral (leigos) possam interagir e se constituir na relação com o outro, produzindo condições outras de habitar o mundo.

2. Um olhar pela complexidade, em busca de perspectivas compartilhadas

Diante desse cenário, e em contraposição ao já citado modelo informacional, propõe-se uma breve discussão acerca da pertinência do modelo praxiológico de Louis Queré, que apresenta uma concepção dos sujeitos construídos na relação com o outro, no espaço da diferença, para o entendimento das dinâmicas atuais da comunicação pública da ciência. Compreende-se que, a partir desse olhar, a comunicação da ciência supera seu caráter instrumental e passa a ser vista como lugar de relação e construção coletiva dos sentidos:

Nesta concepção, a comunicação não é reduzida a uma dinâmica de transmissão, mas é entendida como interação – ação reciprocamente referenciada, estabelecida pela mediação do simbólico, da linguagem, conforme bem apresentado por George H. Mead (2006) (FRANÇA, 2016, p. 158)⁷.

Tais concepções são enriquecedoras dos debates relacionados à comunicação pública da ciência no que tange à ênfase do comunicacional para dar conta de certa reorganização do fazer científico, das relações sociais entre especialistas e não especialistas e do questionamento da supremacia da Ciência como lugar de fala. A partir da abordagem relacional, julgamos ser possível identificar aspectos das afetações mútuas entre os sujeitos pesquisador e público que emergem fora de uma linearidade comunicacional.

⁷ FRANÇA, *O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional*, p. 158.

O modelo propriamente comunicacional visa à substituição da tradição epistemológica que “racionaliza em termos de produção e de transferência de conhecimento sobre o mundo e as pessoas”. Busca-se a “construção social da realidade” que, ao invés de pré-conceber sentidos e fixar nas hipóteses as propriedades do mundo, caracteriza-se como “uma atividade conjunta de construção de uma perspectiva comum, de um ponto de vista compartilhado, com base de inferência e ação” (QUÉRÉ, 1991)⁸.

Cabe destacar que a perspectiva praxiológica também não diz de uma pacificação pela concordância de pensamentos e opiniões, nem uma convergência de pontos de vista pessoais, mas sim “de construir juntos o lugar comum a partir do qual eles vão momentaneamente se relacionar uns com os outros, se relacionar com o mundo e organizar suas ações recíprocas” (QUÉRÉ, 1991). Não se trata mais, portanto, de identificar uma divisão rígida de papéis de emissor / receptor ou de especialista / leigo, mas de reconhecer nas dinâmicas interacionais como esses sujeitos se afetam e complexificam suas noções de mundo.

Tomamos o paradigma da complexidade de Edgar Morin (2011) como uma contribuição enriquecedora, ao indicar que é preciso buscar as relações hologramáticas, circulares e dialógicas (para citar apenas alguns de seus princípios) a fim de compreender os complexos fenômenos da comunicação em sua configuração contemporânea e analisar a recursividade do processo. Conforme aponta o autor:

A consciência da multidimensionalidade nos conduz à ideia de que toda visão unidimensional, toda visão especializada, parcelada, é pobre. É preciso que ela seja ligada a outras dimensões (...). Mas, num outro sentido, a consciência da

⁸ QUÉRÉ, *D'un modèle épistemologique de la communication à un modèle praxéologique*. O texto original, publicado em francês, está citado por completo nas referências bibliográficas. Para fins de citação neste artigo, foi utilizada versão em tradução livre de Lúcia Lamounier Sena e Vera Lúcia Westin.

complexidade nos faz compreender que jamais poderemos escapar da incerteza e que jamais poderemos ter um saber total: a totalidade é a não-verdade (MORIN, 2011, p. 69)⁹.

Reconhecendo a impossibilidade da totalidade, argumentamos em favor de uma comunicação pública da ciência que se propõe incompleta, mas não por isso menos eficaz. Os exemplos de pesquisadores brasileiros que já atuam como divulgadores científicos em ambientes digitais on-line pressupõem que as informações compartilhadas em perfis e linhas do tempo das redes sociais não são suficientes para a compreensão plena do fazer científico. No entanto, é a partir desse contato inicial que se procede à indicação de *papers*, links para artigos de colegas, entrevistas concedidas a grandes veículos de mídia e outras fontes que circulam nesse espaço midiático.

Surge, assim, um reconhecimento do que, no dizer de Boaventura Souza Santos (2007)¹⁰, levaria a ciência a desenvolver mecanismos para lidar com a complexidade e a mutação constante dos saberes do nosso tempo. Essa discussão indica a necessidade de avançarmos para a produção de novas formas de conhecimento e, nesse sentido, vislumbramos nosso objeto de análise não apenas como um mecanismo de divulgação científica, mas como processos comunicativos que engendram experiências de conhecimento.

Para além da publicação de artigos, da revisão dos pares, das atividades dos grupos de pesquisa e dos laboratórios, a ciência passa a se fazer e a circular também em redes e espaços que antes não eram concebidos como produtores de saber. Isso não diz de uma anulação das práticas formais citadas, mas de uma expansão das dinâmicas de circulação do conhecimento científico, cujos modelos tradicionais passam a ser também impactados pela interação entre cientistas e não-cientistas.

⁹ MORIN, *Introdução ao pensamento complexo*, p. 69.

¹⁰ SANTOS, *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*.

3. O Nerdologia como espaço de ação comunicativa

Para fins de observação do que se buscou debater até aqui, analisaremos aspectos de um dos mais populares canais de divulgação científica na internet no Brasil, o *Nerdologia*¹¹, comandado pelo biólogo e pesquisador pós-doutor pela Universidade de São Paulo (USP), Átila Iamarino¹². O canal pretende realizar “*Uma análise científica da cultura nerd*”, conforme descrição disponível no próprio site. Aqui, o termo “nerd” é entendido não em seu sentido depreciativo, mas no que se configurou como todo um universo de temas, filmes, quadrinhos e demais manifestações culturais com os quais se identificam as pessoas consideradas nerds, geralmente interessadas em tecnologia e consideradas inteligentes.

A análise tem como pano de fundo quatro pressupostos presentes na concepção de comunicação do paradigma praxiológico, sendo eles: 1) a comunicação como ação, 2) vivenciada como experiência, 3) que supõe interação e 4) é mediada pela linguagem (FRANÇA, 2016, p. 164)¹³. Destarte, fazemos uso da noção de comunicação como esquema conceitual, conforme proposto por Queré (1991)¹⁴ para dar conta da atividade e da organização sociais, das relações sociais e da ordem social.

Esse esquema relaciona a objetividade e a subjetividade, a individualidade e a sociabilidade, na medida em que se especificam recíproca e simultaneamente. Ao mesmo tempo, confere primazia à “atividade organizante” dos atores sociais, em que um mundo comum é organizado e mantido como condição e resultado da ação. A comunicação relaciona-se, também, com o sentido que subentende a cooperação social e que, por fim,

¹¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/nerdologia>>. Acesso em 16 mai. 2016.

¹² Currículo Lattes disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/4978322672579487>>. Acesso em 16 mai. 2016.

¹³ FRANÇA, *O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional*, p. 164.

¹⁴ QUÉRÉ, *D'un modèle épistémologique de la communication à un modèle praxéologique*.

confere um lugar essencial à linguagem como parte integrante de realidades que é capaz de descrever e relacionar. No que tange à abordagem do objeto:

É preciso ir além da ideia de um produtor autônomo ou de um sujeito produtivista para acolher a imagem de um sujeito que, ocupando um lugar numa dinâmica relacional (em interações interpessoais ou em sistemas midiáticos complexos), está inserido em um contexto, é parte de uma coletividade, e naquela situação específica se vê afetado pelo outro (FRANÇA, 2016, p. 159)¹⁵.

Assim, falamos do pesquisador Atila Iamarino como esse sujeito da coletividade: ele é a voz que contempla não apenas seus pares cientistas e pesquisadores, mas também certa organização produtiva do conteúdo midiático, destinado, entre outras funções, a ser amplamente divulgado e monetizado. Com 144 vídeos publicados até 22 de junho de 2016, o *Nerdologia* ultrapassou a marca de 1 milhão e 400 mil inscritos, contabilizando mais de 77 milhões de visualizações. Seu alcance é ampliado por outros meios, como uma página no *Facebook*¹⁶ com mais de 122 mil curtidas e perfil no *Twitter*, com 58,6 mil seguidores¹⁷.

O termo “nerd” também aciona um diverso grupo de pessoas que configuram o público do canal, em uma rede de interações que pressupõe conhecimentos sobre o campo do entretenimento que, a princípio nada tem de científico. O canal promove experiências potenciais com as temáticas científicas por meio de indicação de textos complementares, artigos científicos, livros completos e links para outros vídeos disponíveis na internet. Esses caminhos sugeridos contribuem para a expansão da comunicação científica, numa lógica de complementaridade do consumo midiático bastante própria das redes sociais digitais.

¹⁵ FRANÇA, *O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional*, p. 159.

¹⁶ Disponível em <<https://www.facebook.com/CanalNerdologia>>. Acesso em jun. 2016.

¹⁷ Disponível em <<https://twitter.com/nerdologia>>. Acesso em jun. 2016.

O apresentador e roteirista afirmou à autora, em entrevista¹⁸ que “sempre quis falar de ciência para quem não sabe que gosta de ciência”, ou seja, há um reconhecimento de que o interesse do público do canal não passa, necessariamente, por uma intenção de buscar conhecimento científico, mas pelo interesse em temáticas relacionadas a lançamentos de jogos, filmes e séries de TV, vídeo-games, histórias em quadrinho, etc. Trata-se, portanto, de uma abordagem que pressupõe uma identificação do público com determinadas temáticas e que, a partir delas, haja contato com o científico – o entretenimento, nesse caso, é o chão comum em que apresentador e público se colocam para que possam dialogar.

Nesse sentido, ao comunicar a ciência, Iamarino lança mão de um gesto constituidor de um mundo próprio da divulgação científica. Podemos incluir nessa discussão a definição da situação de Goffman (2011)¹⁹, para tratar dos desafios enfrentados para “se fazer entender” com seu discurso científico. Os vídeos dispostos no canal tratam de um encontro midiaticado que pressupõe um mundo compartilhado (o mundo da ciência). Mas o desafio se coloca justamente pelo fato de que nem sempre o público, a audiência, compartilha desse mundo para que possam ter uma compreensão “do que está acontecendo aqui”.

“*Isso que está sendo dito é científico?*” – como se dá a definição da situação? Nos dizeres de Goffman, essa definição “implica não tanto um acordo real sobre o que existe, mas, antes, num acordo real quanto às pretensões de qual pessoa, referentes a quais questões,

¹⁸ A entrevista foi concedida pessoalmente à autora durante a participação do pesquisador no curso de Comunicação Pública da Ciência – Fala Ciência, promovido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), na sede da Fundação, em 2 de junho de 2016.

¹⁹ GOFFMAN, *A representação do eu na vida cotidiana*.

serão temporariamente acatadas” (GOFFMAN, 2011, p. 19)²⁰. A resposta, portanto, chega por meio de recursos retóricos próprios do canal - a começar pelo fato de ele se autodenominar um canal de ciência, na descrição e classificação de conteúdo disponíveis no *YouTube*.

Um segundo elemento faz parte do texto de abertura de todos os vídeos do canal, que conta com a seguinte texto proferido pelo apresentador: “*Eu sou Atila, biólogo e pesquisador*”. A apresentação diz também de um certo lugar de fala, de uma *performance* assumida por ele, ao desempenhar o papel de alguém que estaria apto a tratar daquele assunto. Goffman nos esclarece que:

a informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada” (GOFFMAN, 2011, p. 11)²¹.

Independente da temática abordada, o texto que se segue à apresentação parte sempre de uma tentativa de aproximação de assuntos que, *a priori*, não são considerados científicos, a fim de que sirvam como um gancho ou uma chamada para que se fale de ciência. Um vídeo sobre qual é o super-herói mais forte, por exemplo, trata de conceitos complexos da física. Outro, sobre o apocalipse zumbi, discorre sobre vírus, bactérias, contaminação e cura.

Nesse movimento, a alteridade – ou seja, o colocar-se no lugar do outro – é fundante de um processo recíproco de produção de significados. É disso que trata Bakhtin (2004)²² quando trabalha uma dimensão da palavra que não existe dissociada do social, mas como um território comum: “Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através

²⁰ GOFFMAN, *A representação do eu na vida cotidiana*, p. 19.

²¹ GOFFMAN, *A representação do eu na vida cotidiana*, p. 11.

²² BAKHTIN, *Marxismo e filosofia da linguagem*.

da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros”. (BAKHTIN, 2004, p. 115)²³.

A fala de Iamarino no vídeo é, portanto, marcada por sua relação com o outro – são campos distintos de saber em diálogo, que aproximam a ciência de temas do cotidiano. Não se trata de um cientista falando sobre ciência a partir de seus conhecimentos específicos para seus pares, mas de alguém que pretende colaborar para a disseminação da cultura científica a um público bem mais amplo. A expressão “cultura científica” nos parece adequada para falar do fenômeno e das possibilidades de inserção da ciência no dia a dia das pessoas porque refere-se à:

Ideia de que o processo que envolve o desenvolvimento científico é um processo cultural, quer seja ele considerado do ponto de vista de sua produção, de sua difusão entre pares ou na dinâmica social do ensino e da educação, ou ainda do ponto de vista de sua divulgação na sociedade, como um todo, para o estabelecimento das relações críticas necessárias entre o cidadão e os valores culturais, de seu tempo e de sua história (VOGT, 2003)²⁴.

Como projeto de divulgação e popularização da ciência, o *Nerdologia* promove um importante primeiro movimento de alteração da linguagem, que se afasta de uma formalidade acadêmica a fim de atingir certo nível de simplificação e ampliar seu alcance e suas possibilidades de mediação. Agindo no mundo por meio do canal e assumindo um papel de pesquisador e divulgador científico, Iamarino promove o pensar sobre a ciência e traz luz a relações que, em outros formatos e mídias, estariam apagadas ou diminuídas. A interação verbal, nesse contexto, atua como mediação entre o mundo da ciência e o mundo do entretenimento que atrai o público, e, ao mesmo tempo, configura as condições e os desdobramentos desse novo modelo de comunicação pública da ciência.

²³ BAKHTIN, *Marxismo e filosofia da linguagem*, p. 115.

²⁴ VOGT, C. A. *A espiral da cultura científica*.

Considerações finais

As contribuições de Louis Quéré e seu modelo praxiológico fundado na comunicação constitutiva de sujeitos e mundos compartilhados é de grande valia para os estudos da comunicação pública da ciência, especialmente no que tange ao entendimento do conhecimento científico como um saber ao alcance de todos. Diferentemente das abordagens mais tradicionais, que por séculos buscaram afastar os detentores de conhecimento do grande público, leigo e ignorante, esse viés nos permite uma abordagem teórico-metodológica de valorização do diálogo na construção dos saberes.

Essa condição dialógica da linguagem e sua natureza ideológica são também dimensões importantes de um debate que pretende não apenas ressignificar as pesquisas acerca da percepção pública da ciência, mas o próprio fazer da divulgação científica. Se há uma contribuição essencial da leitura *bakhtiniana* é a percepção de como as dinâmicas interativas podem ser empreendidas para estabelecer a mútua compreensão ou, em alguns casos, levar a dissensos e discordâncias. Isso porque trata de uma dimensão polifônica dos textos, que faz emergir uma multiplicidade de pontos de vista sociais.

Reconhecemos a importância da breve discussão empreendida aqui na superação de uma perspectiva transmissiva do conhecimento científico e na busca de uma concepção de comunicação que é constituidora da vida social e de possibilidades múltiplas de sentido. Cientes de que os pontos de contato entre os autores e obras apresentados dizem mais de suas potencialidades de diálogo do que de uma finitude de relações possíveis, relacionamos alguns pontos que nos parecem terrenos férteis para novas abordagens.

Ainda que a proposta de uma comunicação científica desvinculada dos modelos tradicionais, afastada da rigidez dos periódicos e marcada pelo protagonismo dos

cientistas na interação com o público nos pareça inovadora e promissora, há tensões e disputas de poder que não devem ser ignoradas. É preciso olhar com mais profundidade para o que resulta dessa interação entre público e pesquisador, diante das possibilidades de diálogo e participação conjunta no ambiente digital.

Há que se ressaltar que muitos discursos que circulam nesses espaços ainda parecem estar comprometidos com um olhar privilegiado do pesquisador. Se cabe aqui uma crítica a esse movimento do protagonismo de cientistas na divulgação científica, é justamente essa: poderíamos perguntar se há, de fato, uma superação do modelo do déficit. Em alguma medida, não estaríamos vislumbrando a repetição de modelos antigos em novas plataformas?

Em seguida, podemos indagar: de que ciência esses divulgadores científicos estão falando e que *ethos* científico representam? Em que medida suas atuações como divulgadores os afastam da prática da pesquisa científica e como esse afastamento altera seus lugares de fala e o papel de cientista que pretendem representar? As contribuições de Goffman para essa análise podem ser ainda mais ricas e variadas, posto que os quadros de referência não estão dados como estáveis e imutáveis, mas podem ser modificados a partir da ação dos homens.

É fato que a “fala autorizada” dos pesquisadores compete com um mundo de informações equivocadas que também circula nas redes e sobre as quais não há controle, nem mesmo possibilidade de correção e contenção. Portanto, em que medida a dinâmica de “nós contra eles” ainda marca a interação dos pesquisadores com seu amplo público formado, majoritariamente, por não-especialistas? Em um cenário em que é preciso diferenciar-se de “charlatões” e lutar contra a pseudociência, reafirmar seu lugar de cientistas e sua

performance como detentor dos saberes pode ser mais do que uma estratégia de interação, mas também de sobrevivência.

Por fim, faz-se necessário reconhecer a ciência como um terreno de inúmeras disputas, articuladas em suas dimensões políticas, educacionais, culturais, econômicas e filosóficas, o que traz às discussões aqui propostas novas e complexas camadas para o entendimento do agir comunicacional para a divulgação científica.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

COSTA, Antonio Roberto Faustino da; SOUSA, Cidoval Morais de; MAZOCCO, Fabricio José. Modelos de comunicação pública da ciência: agenda para um debate teórico-prático. In: **Conexão** – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v.9, n. 18, jul/dez 2010.

FAGUNDES, Vanessa Oliveira. **Blogs de ciência: comunicação, participação e as rachaduras na Torre de Marfim**. Campinas: 2013. 180 p. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Científica e Cultural, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

FRANÇA, Vera Veiga. L. Quéré: dos modelos da comunicação. In: **Revista FRONTEIRAS. Estudos midiáticos**. Vol. V, nº 2. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

_____. O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. In: MOURA, Cláudia Peixoto de. LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Pesquisa em Comunicação**. Metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2016.

GOFFMAN, Erving. A ordem da interação. In: _____. **Os momentos e seus homens**. Textos escolhidos e apresentados por Yves Winkin. Lisboa: relógio D'Água Editores, 1999.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2011.

IAMARINO, Atila. Entrevista I. [jun. 2016]. Entrevistador: Verônica Soares da Costa. Belo Horizonte, 2016.

MAIGRET, Eric. **Sociologia da Comunicação e das Mídias**. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2010.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

PETERS, Hans Peter. *et al.* Public communication of science 2.0. Is the communication of Science via the “new media” online a genuine transformation or old wine in new bottles?. **EMBO Reports**, v. 15, n. 7, p. 749-753, 2014.

QUÉRÉ, L. D’un modèle épistemologique de la communication à un modèle praxéologique. In: **RÉSEAUX** n° 46/47. Paris: Tekhné, mar-abr 1991.

SANTOS, Boaventura Souza. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

VOGT, C. A. A espiral da cultura científica. **ComCiência**, Campinas, v. 45, 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura01.shtml>>. Acesso em junho de 2016.